

**O DESVIO FREUDIANO: SOBRE A INVENÇÃO E A INAUGURAÇÃO SUBVERSIVA DE
UMA CLÍNICA PSICANALÍTICA SOCIOPOLÍTICA****THE FREUDIAN DEVIATION: ON THE INVENTION AND SUBVERSIVE
INAUGURATION OF A SOCIOPOLITICAL PSYCHOANALYTIC CLINIC****LA DESVIACIÓN FREUDIANA: SOBRE LA INVENCIÓN E INAUGURACIÓN
SUBVERSIVA DE UNA CLÍNICA PSICOANALÍTICA SOCIOPOLÍTICA**

10.56238/revgeov17n2-083

Anderson Carlos Santos de Abreu

Pós-doutorado em Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: andersoncsabreu@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1029-0131>**Ana Lúcia Mandelli de Marsillac¹**

Pós-doutora, Pós-doutoranda

Instituição: Universidade Nova de Lisboa – Portugal, Université Laval - Québec

E-mail: 2206ana@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2716-510X>**RESUMO**

Este texto resulta de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, centrada nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena e nas clínicas públicas idealizadas por Freud entre 1906 e 1934. A investigação busca retomar articulações teóricas e políticas que sustentam uma práxis psicanalítica sensível às tensões de seu tempo. Inspirados pelo “desvio freudiano”, propomos revisitá-las origens da psicanálise, articulando estudo histórico e pensamento crítico contemporâneo para pensar a psicanálise como saber implicado nas relações humanas e estruturas sociais.

Palavras-chave: Sociedade Psicanalítica de Viena. Clínica Sociopolítica. Desvio Freudiano.**ABSTRACT**

This text stems from an ongoing postdoctoral research project focused on the Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society and the public clinics envisioned by Freud between 1906 and 1934. The investigation seeks to recover the theoretical and political articulations that sustain a psychoanalytic praxis attentive to the sociopolitical tensions of its time. Inspired by what we call the “Freudian deviation”—a rupture with hermetic models of science in favor of a practice entangled with cultural, historical, and political dynamics—we propose to revisit the origins of psychoanalysis, articulating historical study with contemporary critical thought in order to conceive psychoanalysis as a knowledge implicated in human relations and the structures that traverse them.

¹ Bolsista PQ do CNPq

Keywords: Vienna Psychoanalytic Society. Sociopolitical Clinic. Freudian Deviation.

RESUMEN

Este texto surge de una investigación de posdoctorado en curso, centrada en las Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena y en las clínicas públicas concebidas por Freud entre 1906 y 1934. La investigación busca recuperar las articulaciones teóricas y políticas que sostienen una praxis psicoanalítica atenta a las tensiones sociopolíticas de su tiempo. Inspirados en lo que llamamos el “desvío freudiano” —una ruptura con los modelos herméticos de ciencia a favor de una práctica entrelazada con dinámicas culturales, históricas y políticas— proponemos revisitar los orígenes del psicoanálisis, articulando el estudio histórico con el pensamiento crítico contemporáneo para concebir el psicoanálisis como un saber implicado en las relaciones humanas y en las estructuras que las atraviesan.

Palabras clave: Sociedad Psicoanalítica de Viena. Clínica Sociopolítica. Desvío Freudiano.



1 UM CONVITE AO DESVIO

Este ensaio configura-se como um texto em *performance*, onde apresentamos pro[posições] que tensionam o pensamento crítico em psicanálise. Trata-se de um ato de transgressão conceitual, um movimento de desapontar a *verdade*, desnudando-a como construção em permanente transformação. Tal percurso pressupõe uma abertura para expressar o caminhar errático da pesquisa, desenhando uma escrita como ato performativo – uma espécie de devir do pensamento. Este texto, portanto, assume-se enquanto convite ao desvio, buscando esgotar o horizonte de verdades fixas e colocar em análise os fundamentos originários da psicanálise enquanto prática e discurso.

Na primeira parte deste ensaio, apresentamos uma questão contemporânea que interpela a práxis psicanalítica em suas articulações com o político e o social: toda clínica é social? Essa interpelação, no entanto, surge na contramão da tentativa de associar que toda clínica é social, discurso que, muitas vezes, carrega em si a intenção de propor uma neutralização política na prática psicanalítica. Para isso, revisitamos os traçados de Freud porque sua obra não apenas funda a psicanálise como prática e saber, mas também inaugura um movimento de desvio teórico, uma espécie de subversividade que rompe com as formas tradicionais de pensar o sujeito e a sociedade, haja vista a inauguração da hipótese do inconsciente. Longe de constituir um sistema fechado, Freud abriu um percurso que, em sua essência, questiona verdades absolutas e resiste à domesticação de sua teoria. Essa subversividade se manifesta no modo como a psicanálise desloca certezas, interrogando os mecanismos de subjetivação que sustentam a sociedade moderna.

Diante da questão “toda clínica é social?”, o retorno a Freud, em especial as Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, nos permite explorar como esse desvio teórico lança luz sobre as articulações entre o político e o social, não para reduzi-las a uma universalização, mas para localizar as tensões, as rupturas e as singularidades que emergem no contemporâneo. É por meio dessa perspectiva crítica que podemos enfrentar as tentativas de neutralização política da prática psicanalítica, reafirmando sua potência de produzir fissuras, deslocamentos e transformações nas realidades sociais e na própria experiência subjetiva.

Na segunda parte deste texto, abordaremos alguns dos registros do andamento da pesquisa com as atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. O intuito aqui é lançar algumas sementes para a construção de novas perspectivas em sintonia com os movimentos políticos em torno da psicanálise no Brasil, em diálogo com questões que atravessam o conceito de clínica sociopolítica. Essa investigação busca conectar o pensamento psicanalítico, em especial no Brasil, com as dinâmicas que desafiam a neutralidade política, refletindo sobre sua inserção em contextos sociais e históricos específicos.

Essa pesquisa procura recuperar estratégias teóricas e discursivas que emergem nos debates e contextos que marcaram o início da psicanálise. Tão logo, revisitar essas experiências históricas permite possíveis desvios no presente, apontando caminhos para uma práxis psicanalítica que não



apenas acolha as singularidades dos sujeitos, mas que também reconheça sua articulação com as tramas sociopolíticas. Revisitar as experiências históricas da psicanálise é fundamental para fortalecer o debate no Brasil, sobre uma prática que se articule às urgências sociais. Esse movimento exige um olhar atento à ética psicanalítica e às implicações das condições sociais e políticas que atravessam os múltiplos sofrimentos e violências enfrentados por grupos específicos na cultura brasileira, promovendo uma psicanálise que dialogue com a realidade de seu tempo.

Trata-se, portanto, de um esforço para ampliar o horizonte reflexivo e fortalecer o engajamento crítico da psicanálise frente às realidades de exclusão, desigualdade e opressão. Ao conectar essas questões e dilemas da sociedade brasileira às raízes e movimentos iniciais do campo psicanalítico, busca-se inspirar uma prática que esteja à altura das complexidades e demandas de nosso tempo, comprometida com as transformações das condições que produzem tais sofrimentos.

Por fim, na terceira parte deste texto, nos dedicaremos a apresentar algumas reflexões sobre o método e a escrita da pesquisa em psicanálise, justificando a escolha pela ideia de ensaio como forma de registro. O ensaio, enquanto forma de pensamento em movimento, se alinha à singularidade da práxis psicanalítica, que não opera a partir de uma lógica de sistemas fixos ou verdades absolutas, mas sim do encontro com um objeto fugido, singular e culturalmente atravessado: o inconsciente. Essa escolha reflete uma posição ética e epistemológica que reconhece a impossibilidade de circunscrever o saber psicanalítico a partir de metodologias de pesquisa que prescrevem caminhos únicos e totalizantes.

Neste registro, o ensaio se afirma como ato político e criativo, recusando o ideal de uma ciência neutra e universal. A psicanálise, ao tensionar essas bases, sustenta que o saber emerge das fissuras e impasses do sujeito em sua relação com o social. Escolher o ensaio como método é assumir um compromisso ético-político com a contingência, a invenção e a subversão, abrindo espaço para o imprevisível e recusando linearidades rígidas.

Este texto é, antes de tudo, um convite à experiência do pensamento como insurgência. Aos que buscam conclusões lineares, alicerçadas em verdades cristalizadas e confortavelmente afirmativas, sugerimos que interrompam aqui a leitura. Nossa proposta caminha por outra direção: convocar os leitores a habitar o próprio movimento do texto, a experimentar a elaboração como ato vivo, permitindo-se um encontro singular, atravessado pela incompletude e pelo inquietante das questões que aqui ecoam [e continuarão ecoando].

Aos que se deixam atravessar pelo enigma e pela desordem fecunda do questionamento, damos as boas-vindas. Este texto não reivindica a forma de um artigo, mas se apresenta como uma insurgência performática – um ensaio que se inscreve como fragmento, provocação e registro de ideias em construção. Ele é um exercício de verdade porosa e inacabada, que se reinscreve no pensamento do leitor, negando-se à domesticação. Um pensamento em trânsito, que carrega consigo a política da



resistência ao repouso e ao silenciamento, e que pulsa no intervalo entre o que se diz e o que ainda resta por dizer.

2 TODA CLÍNICA PSICANALÍTICA É SOCIAL?

Com o surgimento das clínicas públicas de psicanálise no Brasil, a questão sobre a dimensão social da psicanálise tem ressoado intensamente nas instituições psicanalíticas. Muitos reivindicam realizar um trabalho social, baseando-se na adoção da expressão “valor social” para descrever seus honorários. No entanto, é evidente que o social transcende essa nomenclatura. É precisamente essa redução que buscamos problematizar: seria suficiente a alteração linguística de um ato para conferir à prática psicanalítica um alcance efetivamente social?

Levantar a questão “toda clínica é social?” não é apenas uma provocação, mas uma convocação ética e teórica. A resposta a essa indagação não pode permanecer presa a respostas automáticas ou formulações genéricas. Trata-se de pensar o social como aquilo que não apenas atravessa o campo clínico, mas que o funda, constituindo-o e desafiando-o continuamente. Interrogar essa relação exige deslocar o olhar para além do consultório e das designações habituais, explorando como a psicanálise pode acolher as marcas do sofrimento sociopolítico e operar nas fissuras do laço social. Essa questão nos conduz a reavaliar as bases éticas e políticas da escuta psicanalítica, na medida em que o sofrimento humano, embora inerente à condição de desamparo, adquire formas diferenciadas em contextos de exploração, desigualdades e vulnerabilidades históricas.

Ao refletir sobre a práxis psicanalítica sob o prisma das questões sociopolíticas, torna-se urgente que não basta introduzir novos termos ou adjetivações à prática clínica. A transformação do discurso deve corresponder a um revisitá-las formulações teóricas e conceituais, resgatando e sublinhando a dimensão social como elemento essencial do sofrimento. O desamparo, como bem apontou Freud (BETTS, 2014), é inerente à condição humana, pois somos seres de linguagem, desprovidos de uma regulação automática ou instintiva. No entanto, as formas de vulnerabilidades decorrentes desse desamparo não são distribuídas de maneira uniforme. Elas são moldadas por condições históricas, relações de poder e desigualdades estruturais que atravessam o tecido social. Reconhecer essas diferenças é imprescindível para que a escuta clínica acolha as singularidades de cada sujeito, sem ignorar os contextos que configuram seu sofrimento.

Freud, em sua obra, dedicou-se a explorar as múltiplas faces do sofrimento humano. A partir de sua experiência clínica, tratou do impacto da moral sexual, do complexo de Édipo e da dinâmica de poder sobre o psiquismo. No texto: *O mal-estar na civilização* (1930), Freud aborda o sofrimento de uma maneira mais radical: o sofrimento que emerge do desamparo social. Ele nos alerta sobre o pacto civilizatório, no qual “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Freud, 1930/1996, p. 119). Esse desamparo, aprofundado pelas tensões do



laço social, convida a psicanálise a se questionar: que lugar ela ocupa diante das desigualdades e infortúnios que marcam nossa condição coletiva? É a partir desse ponto que se torna urgente pensar: toda clínica é, de fato, social? Além disso, Freud continua...

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução...; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro (Freud, 1930/1996, p. 84, grifo nosso).

Uma escuta que se deixe atravessar por essas dimensões reposiciona a clínica em um horizonte propriamente sociopolítico. Sob tais premissas, propõe-se um compromisso que retorne às origens da psicanálise, mas também que dialogue com as experiências contemporâneas de psicanálise no Brasil, particularmente no contexto das clínicas públicas e na busca por referenciais conceituais e teóricos capazes de sustentar essa práxis ampliada. Freud (1930), ao considerar os sofrimentos que emergem das forças da natureza e das fragilidades inerentes ao corpo, volta seu pensamento para uma questão ainda mais inquietante: o sofrimento que nasce das formas de organização social e das dinâmicas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. Nesse cenário, os sintomas não apenas habitam esses vínculos, mas permanecem, em grande parte, velados pelas normas que os sustentam, revelando uma complexa trama entre subjetividade e estrutura social.

A palavra *civilização* ou *cultura* [Freud escreve *Kultur*] designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. (FREUD, 1930, p. 49)

Ainda em: *O mal-estar na civilização* (1930), Freud oferece uma leitura inquietante sobre o paradoxo da experiência humana: a busca pela felicidade, tão profundamente enraizada no sujeito, e que colide inevitavelmente com as restrições impostas pela cultura. No cerne de suas reflexões, o sofrimento não é apenas uma marca existencial, mas um produto direto das formas de organização social, das normas que vinculam os homens entre si. Nesse sentido, a clínica psicanalítica é convocada a pensar o sujeito não como uma entidade isolada, mas como alguém atravessado pelas forças que estruturam – e, ao mesmo tempo, corroem – os laços humanos. A pulsão de vida que constrói a civilização caminha lado a lado com a pulsão de morte que a ameaça de dentro.

Freud (1930) concebe a cultura como edificada sobre dois alicerces primordiais: a defesa do homem frente às forças indomáveis da natureza e a ordenação dos laços que vinculam os indivíduos entre si. Contudo, aquilo que deveria ser fonte de segurança e promessa de felicidade transforma-se, paradoxalmente, no núcleo de nossa angústia. A civilização, em sua essência, carrega uma aporia: o aparato que preserva a vida também a submete, reprime e subjuga. A cultura, então, não é apenas o



cenário onde a vida humana se desenrola, mas o campo inevitável de seu sofrimento, marcado tanto pelas imposições que nos atravessam quanto pelos desejos que sufocam e corroem nossa interioridade. Nesse horizonte contraditório, a psicanálise emerge não apenas como prática e saber, mas também como uma crítica à estrutura mesma da civilização, assumindo o papel de resistência ao preço subjetivo imposto pela promessa do progresso, da ordem e do desenvolvimento – slogans usados pelos discursos neoliberais.

Essa leitura freudiana, que articula o clínico ao social, não é meramente sociológica, mas radicalmente clínica. Ao investigar as forças pulsionais – de vida e de morte – que atravessam o sujeito, Freud delimita um campo de tensão que ultrapassa o indivíduo e interroga a própria estrutura da cultura. Não é casual que essas reflexões surjam no intervalo histórico entre as duas grandes guerras mundiais (1918-1939), quando o fracasso dos ideais civilizatórios da modernidade se tornava evidente. Em textos como: *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919), Freud aponta que as promessas de proteção e regulação que a civilização proclama estavam sendo continuamente dilaceradas pelas pulsões destrutivas que atravessam tanto os indivíduos quanto as coletividades. Esse cenário histórico – de conflito e escombros – fornece uma chave para entender a urgência de uma psicanálise que vá além do divã e que se engaje diretamente com os dilemas sociopolíticos do sofrimento humano.

Por isso é também propósito deste texto problematizar a ideia de que “toda clínica é social” e pensar o que essa afirmação implica para a prática psicanalítica. Não se trata de um gesto retórico, mas de um convite a revisitar a história da psicanálise, desde as Clínicas Públicas freudianas, para compreender como o campo clínico sempre esteve implicado nas questões sociais e políticas de seu tempo. Experiências psicanalíticas que dialogam com o social – como apontam Broide e Broide (2016) – desafiaram não apenas os modos de formação psicanalítica, mas também os próprios dispositivos de transmissão do saber analítico. A psicanálise, ao se enraizar em um território marcado pelas desigualdades e pelas lutas sociais, se transforma em uma prática que não pode prescindir do engajamento crítico e político.

Assim, convidamos [sujeitos-ensaístas-leitores]² a adentrar um terreno instável, coberto por escombros e poeira, onde as ruínas da civilização falam de seus fracassos, mas também de suas possibilidades. É nesse cenário, entre os sons dissonantes de uma guerra que nunca cessa, que a psicanálise se instala – não como uma promessa de ordem, progresso e desenvolvimento, mas como uma prática que interroga as fissuras da cultura e do sujeito. Desde o contexto caótico das Clínicas Públicas de Freud até os desafios contemporâneos, a psicanálise mantém sua vocação fundamental: escutar o que é silenciado, resistir ao que se cristaliza e provocar a renovação do laço social. Este texto

² Este é um conceito discutido pela pesquisadora Ana Márcia Martins de Silva, no texto “O ensaio como estratégia de leitura, pesquisa e escrita. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/download/29787/16430/123302>. Acesso em 28 de jan de 2025.



é, antes de tudo, um chamado à implicação – uma prática reflexiva que se permite atravessar pelos gritos, pelos ruídos e pelas histórias que emergem das margens da cultura [uma psicanálise marginal].

Os [sujeitos-ensaístas-leitores] não se limitam a absorver passivamente as ideias apresentadas, mas assumem um papel ativo na construção do sentido. Ao ler, interrogam o texto, atravessam suas brechas e confrontam suas próprias perspectivas, transformando a leitura em um espaço de questionamento e criação, onde o pensamento se desdobra para além das palavras escritas. Nesse sentido, o ensaio não se apresenta como uma construção sólida, mas como uma paisagem em movimento, onde cada leitura reconfigura as ruínas e redesenha os caminhos. É aceitar a condição de incompletude, de se permitir errar e errar-se no percurso, em um constante trabalho de reinvenção. É ocupar o lugar do inacabado, do provisório, como uma resistência à pressa das respostas prontas e à tentação de cristalizar verdades [este texto tem vários pontos inacabados]. Mais do que um convite à reflexão, é um apelo à implicação ética: que cada leitor, ao ser atravessado pelo texto, que também se permita atravessar o mundo, questionando os laços que nos unem e as estruturas que nos sustentam – ou que nos oprimem, ou ainda que nos desmoronam.

A artista Käthe Kollwitz (1867-1945), com sua força única, nos convoca a não apenas refletir, mas a vivenciar essa reflexão de maneira profunda. Ao nos depararmos com a destruição e o sofrimento retratados em sua obra “Os Sobreviventes”³ (1923), somos instigados a observar mais atentamente os efeitos devastadores de uma guerra – tanto os visíveis quanto os invisíveis, que permanecem em nós. A exaustão ali representada vai além do físico, revelando um desgaste profundo, um fardo coletivo. Nesse cenário, surge a questão inevitável de como, mesmo diante da vulnerabilidade extrema, ainda podemos encontrar formas de resistência e reinvenção. Nesta obra, a artista transmite uma sensação pungente de cansaço diante de um perigo constante e avassalador, refletido na composição de figuras desoladas e no ambiente em ruínas. A presença de destruição e sofrimento, representada pela intensa gravidade dos corpos e pela vastidão de escombros, remete a uma morte iminente e inevitável, como se a vida fosse permanentemente marcada pela exaustão. O cansaço que emana da imagem não é apenas físico, mas um cansaço existencial, simbolizando o fardo de viver em um mundo dilacerado pela guerra.

O movimento e o ritmo da obra acentuam o longo sofrimento causado pela vulnerabilidade imposta pela guerra, revelando um mal-estar profundo e interminável. Kollwitz, ao capturar a expressão de seus personagens, não oferece uma solução para o sofrimento, mas nos apresenta uma possibilidade de resistência, visível no gesto de proteção da mulher que abraça quatro crianças, cada uma com uma expressão única e particular. A mulher, com sua postura de acolhimento, parece carregar

³ A obra “Os Sobreviventes” (Die Überlebenden) de Käthe Kollwitz encontra-se atualmente na coleção permanente do Käthe Kollwitz Museum em Colônia, Alemanha. Este museu dedica-se exclusivamente à vida e obra de Kollwitz, abrigando uma extensa coleção de suas gravuras, desenhos e esculturas. É possível acessá-la em alta resolução no seguinte endereço eletrônico: <https://www.wikiart.org/pt/kathe-kollwitz/os-sobreviventes-1923>. Acesso em 27 de jan de 2025.



em seus braços o peso do mundo, mas também transmite uma leveza de resistência, como se, na sua fragilidade, fosse possível ainda manter uma chama de cuidado. As crianças, por sua vez, expressam diferentes facetas da dor, cada uma com seu olhar e postura: uma carrega a angústia de quem se sente perdido, outra mostra a vulnerabilidade da infância diante do horror, enquanto outras parecem buscar consolo, ainda que sem palavras. Nesse abraço, Kollwitz nos convida a refletir sobre a possibilidade de um testemunho coletivo da dor, onde, apesar de todas as marcas de destruição, a conexão humana e a escuta atenta ainda podem oferecer uma forma de resistência e, quem sabe, de reinvenção.

Com isso, Käthe Kollwitz nos oferece a um desvio que não é apenas visual, mas profundamente existencial. Ao adentrarmos o espaço dessa imagem, somos tomados por um movimento que nos desvia das certezas e da linearidade do olhar comum, conduzindo-nos a uma invenção que surge nas margens da dor e da destruição. A palavra “desvio”, aqui, se torna um convite à criação, à reinterpretação de um mundo que parece ruir diante de nossos olhos. A ruína, ao invés de ser um fim, transforma-se em um ponto de partida para algo novo, uma abertura para aquilo que, no colapso da guerra, ainda pode ser ressignificado. Kollwitz não apenas nos apresenta a devastação; ela nos oferece um caminho tortuoso, mas possível, onde os escombros se tornam terreno fértil para a reinvenção do olhar e do sentir. Nesse desvio, há uma invenção do que pode ser reconstruído, uma possibilidade de relembrar e revisitar o que foi perdido, buscando na fragilidade e na vulnerabilidade a chance de reiniciar.

Freud (1919), em uma postura implicada frente ao contexto da primeira guerra mundial - enquanto as privações da guerra só aumentavam, trouxe o esperançar com a realização do V Congresso Psicanalítico Internacional em Budapeste. Neste ato, numa tratativa de tomar algo que estava destruído, Freud incita não somente uma revisão, ou uma revisitação, mas um caminhar sobre os escombros da própria práxis psicanalítica adotada pelos psicanalistas até ali [sobre isso, também chamamos de desvio freudiano]. Para além do foco na divulgação de um saber psicanalítico, Freud (1919) afirmou que os psicanalistas deveriam se engajar na reconstrução de uma civilização devastada e marcada pelas catástrofes políticas e sociais da guerra [um convite desvio para uma implicação e uma escuta que pudesse testemunhar]. Pode-se, assim, reconhecer sua fala como um verdadeiro “ato político contra a tendência ao dogmatismo precocemente presente no movimento psicanalítico instaurado entre os anos 1910 e 1918” (FREUD, 1919 [1918] / 2018, p. 204).

Frente a isso, Freud (1919) convoca os psicanalistas a caminharem sobre os escombros, instaurando as clínicas públicas de psicanálise num contexto catastrófico. Neste ato, 05 clínicas públicas são criadas: em 1918, a primeira clínica pública em Viena criada por Freud, em 1920, a clínica pública de Berlim e a associação alemã para uma clínica sexual proletária, em 1922, psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Viena criam o primeiro ambulatório gratuito para atendimentos de crianças



e jovens, em 1926, a primeira clínica pública de psicanálise é aberta em Londres e, em 1929, Sàndor Ferenczi, cria a primeira clínica pública em Budapeste.

Com isso, é possível considerar que Freud impulsionou a práxis da psicanálise, tornando-a socialmente acessível [o fato, porém, é que ainda hoje é surpreendente para alguns]. Esta tratativa deu-se tanto em circunstâncias históricas e sociais como também a partir dos próprios processos de reflexão e discussão ocorridos entre a primeira e segunda geração de psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Viena (1915) sobre a práxis psicanalítica, o que possibilitou uma implicação política e social da psicanálise naquele contexto.

Assim como naquele momento, hoje também quando se associa a psicanálise com questões sociais e políticas, levantam-se hipóteses de que a práxis esteja comportando mecanismos específicos sem algum rigor teórico. Entretanto, cabe destacar que não se trata da psicanálise tornar-se uma visão de mundo (FREUD, 1927/2010), de modo que o analista imponha sua visão e seus ideais aos analisandos. O que Freud (1927/2010) promove naquele momento com as clínicas públicas, e que recuperamos nesse ensaio para abordar a relação da psicanálise com as questões sociais e políticas do nosso tempo, diz da possibilidade de considerarmos em transferência as possíveis e diversas formas de escuta do inconsciente nos mais diversos settings.

A implicação política de Freud com a criação das Clínicas Públicas nos convida a refletir sobre a relação entre a psicanálise e os desafios sociais e políticos que marcam o nosso tempo. Nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, com suas discussões que se desenrolam como um rio em fluxo constante, sem jamais alcançar uma margem definitiva, encontramos um convite a pensar a psicanálise não como uma prática acabada, mas como um movimento em transferência e invenção contínua. Ao se lançar em novos campos de escuta, a psicanálise se desvia da rigidez de um campo fechado, expandindo e aprofundando tanto sua prática quanto sua teoria. Esse movimento não é apenas uma renovação do saber, mas uma resposta ativa ao mal-estar da civilização, desafiando a própria práxis psicanalítica a se reinventar constantemente, em diálogo com as questões sociais e políticas que a atravessam [Novamente a psicanálise é convocada a caminhar sobre escombros do mal-estar da civilização e da sua própria práxis].

3 ALGUNS REGISTROS [DO ANDAMENTO] DA PESQUISA COM AS ATAS DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE VIENA

Muito raramente é possível testemunhar o desenvolvimento de uma teoria, sua dinâmica, dilemas e composições entre tempo e espaço. Pode-se dizer que uma teoria ganha extensão, fôlego e relevância – tanto epistemologicamente, como também social, quando sua experiência passa a compor de narrativas elaboradas a partir de ideias socializadas, onde seus membros criadores passam a expressar os motivos, questionamentos e implicações que os levaram a elaborá-la. A leitura das atas da



Sociedade Psicanalítica de Viena é uma possibilidade de experenciar esse contexto de criação em psicanálise.

Freud não inaugura a psicanálise a partir de uma abstração teórica desconectada da realidade, mas a partir de uma profunda imersão nos dilemas humanos, atravessados pelo sofrimento, pelas transformações sociais e pelas tensões políticas de sua época. Seu trabalho não se limitou ao consultório ou a reflexões acadêmicas restritas; pelo contrário, Freud construiu a psicanálise como uma prática viva, situada no contexto de uma Viena marcada por conflitos culturais, desigualdades e intensos debates sobre sexualidade, moralidade e ciência. Ao investigar as formações do inconsciente, ele revelou como os sujeitos eram atravessados por forças sociais e históricas, incluindo as imposições culturais e os conflitos de classe. Essa postura implicada permitiu que Freud articulasse a psicanálise não apenas como uma prática clínica, mas também como uma ferramenta para analisar a complexidade dos movimentos coletivos e dos sintomas sociais que emergem no tecido político e cultural.

Freud defendia que o analista não deveria se isolar em um lugar de suposta neutralidade, mas sim se engajar com os dilemas de seu tempo, trocando experiências, testemunhando os acontecimentos e ampliando sua compreensão do humano. Para ele, o psicanalista deveria manter uma escuta aberta não apenas aos indivíduos em análise, mas também às manifestações culturais, às mudanças sociais e aos impasses ético-políticos que atravessam a sociedade. Como ele afirma, “é indubitável que o analista não deve desviar os olhos da rica multiplicidade de fenômenos que se desenrolam fora de sua profissão e que afetam a vida dos homens; ele não deve isolar-se do mundo, mas deve manter-se em contato com a cultura científica e social do seu tempo” (FREUD, 1919, p. 238). Essa abordagem não apenas posicionou a psicanálise como uma prática profundamente conectada à vida e às contingências sócio-históricas-políticas-econômico-culturais, mas também destacou a responsabilidade do analista de participar ativamente de seu contexto histórico. Em última instância, o legado freudiano nos convida a pensar a clínica e a teoria como formas de intervenção ética e política, capazes de dialogar com os desafios mais amplos da sociedade.

As Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena comprehendem registros importantíssimos sobre as origens da psicanálise e dos primeiros psicanalistas, entre eles Sigmund Freud, Otto Rank, Alfred Adler, Max Graf e Sàndor Ferenczi. Tratava-se de um grupo de intelectuais, que, a convite de Freud, se reuniam todas as quartas-feiras à noite em sua residência. As ideias iniciais de Freud sobre a psicanálise são desde o início compartilhadas e experimentadas nesse coletivo de estudiosos. O grupo inicialmente era bem heterogêneo; composto por médicos, educadores, escritores e representantes de outros grupos profissionais. E, apesar de todas as diferenças nas suas carreiras e personalidades, este grupo inicial estava ligado por uma implicação em comum: considerar os fatores sociais, políticos e culturais com a práxis da psicanálise, que existia na época para o processo do tratamento psíquico.



Os registros de cada encontro eram compilados por uma secretaria, que, em boa parte do tempo, esteve na responsabilidade de Otto Rank. Em cada encontro, um dos membros da sociedade assumia a responsabilidade pela conferência da noite, conduzindo, em seguida, a articulação e discussão do tema com os demais participantes. Pautados principalmente pelas questões clínicas e culturais e pelo rigor de discuti-los, desde que pudessem relacioná-los aos estudos psicanalíticos, elaboravam articulações teóricas da psicanálise com a arte, com a filosofia e com a ciência. Seja a partir de uma peça de teatro, de um caso clínico, de um tema da filosofia, de uma personalidade ou de um artigo a ser publicado, debatiam sobre a práxis da psicanálise relacionando-a com os direitos humanos, a política, a economia, a medicina e as questões sociais da Viena de 1900.

Atualmente, o Museu Freud de Viena abriga um total de 277 atas das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, organizadas em quatro volumes. Esses documentos cobrem o período de 10 de outubro de 1907 a 19 de novembro de 1918, fornecendo um registro fundamental da constituição e desenvolvimento da psicanálise nesse período. No entanto, algumas atas encontram-se incompletas, com páginas faltantes, enquanto outras estão totalmente ausentes, restando apenas o registro de sua existência, sem acesso ao conteúdo original. Esse material, mesmo fragmentado, representa um testemunho histórico essencial sobre os debates, impasses teóricos e movimentações institucionais do círculo freudiano.

Os textos relatam que as reuniões aconteciam fora do ambiente acadêmico formal, com a presença de pessoas cujo interesse destinava-se apenas pela psicanálise. Este formato de transmissão e estudo proposto por Freud marca um estilo e um princípio importante para a difusão da psicanálise, posto que ele não somente escrevia e falava para o grande público, como também se colocava ao debate com suas ideias, instigando os demais a pensar, a pesquisar e a analisar juntamente com ele. Em algumas reuniões, é possível perceber a figura de Freud no lugar de mestre. Contudo, seus discursos ao longo das reuniões vão demonstrando e configurando um exercício de não querer ocupar esse lugar. Fato que é possível de ser constatado, pois em grande parte de suas conferências, instiga os participantes a elaborarem questões sobre o que ele está a apresentar, seja contrapondo-as ou corroborando-as quando julgavam necessário. Estas atitudes demonstram um rigor para com a construção da psicanálise, além de um zelo e um cuidado com a formação de analistas.

As atas da Sociedade Psicanalítica de Viena estão organizadas em quatro grandes volumes, cobrindo interregnos temporais específicos: Band 01 (1906 a 1908), Band 02 (1908 a 1910), Band 03 (1910 a 1911) e Band 04 (1912 a 1918). Esses registros não apenas refletem os debates e avanços da psicanálise no início do século XX, mas também se situam no contexto de um período histórico marcado por intensas mudanças sociais e políticas. O volume Band 01, por exemplo, coincide com o período em que Freud e seu círculo começavam a consolidar as bases teóricas da psicanálise, enquanto o Império Austro-Húngaro enfrentava instabilidades internas e pressões externas. Essa época foi



marcada pela efervescência cultural de Viena, um espaço de inovação artística e intelectual, mas também de tensões nacionalistas e desigualdades sociais que influenciaram diretamente as discussões e inquietações da época.

O volume Band 02 (1908 a 1910) registra um momento em que a psicanálise começa a ganhar maior projeção internacional, mas também enfrenta resistências e divisões internas. Nesse período, Freud promoveu o famoso Congresso de Salzburgo, em 1908, e viu a psicanálise se expandir para além dos limites de Viena, alcançando países como Alemanha e Suíça. Ao mesmo tempo, a Europa vivia os impactos das rápidas mudanças trazidas pela industrialização, além de debates acirrados sobre questões de classe, gênero e sexualidade. Esses elementos não apenas permeavam os conflitos vivenciados pela sociedade em geral, mas também ressoavam nos temas debatidos pela Sociedade Psicanalítica de Viena, onde o inconsciente, os sonhos e os sintomas eram analisados em íntima conexão com os impasses sociais e culturais.

Os volumes posteriores, Band 03 (1910 a 1911) e Band 04 (1912 a 1918), abrangem períodos de maior consolidação da psicanálise, mas também de crescentes dificuldades, tanto teóricas quanto históricas. No Band 03, a cisão com Carl Gustav Jung, em 1911, marcou uma ruptura importante, refletindo divergências epistemológicas e pessoais que demonstravam a complexidade do campo psicanalítico nascente. Já o Band 04 abrange um dos períodos mais críticos da história europeia: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Durante esses anos, os trabalhos da Sociedade Psicanalítica de Viena enfrentaram desafios logísticos e teóricos diante do cenário de guerra, enquanto Freud e seus colegas tentavam compreender os impactos psíquicos do conflito e os traumas vividos pelos soldados e civis. Para além desses quatro volumes, há registros soltos nos arquivos, muitos deles com datas espaçadas ou incompletas, indicando que o trabalho de sistematização do secretário da época, embora notável, não conseguiu abranger todos os registros disponíveis. Além disso, há documentos que ultrapassam o ano de 1918, mas que permanecem não catalogados, representando um campo fértil para futuras investigações sobre o desenvolvimento da psicanálise nesse período conturbado.

Os temas registrados nas atas da Sociedade Psicanalítica de Viena são os mais variados e refletem tanto as inquietações teóricas da psicanálise nascente quanto aos dilemas sociais e culturais do início do século XX. No arquivo Band 01 (1906-1908), encontramos debates que abordam, por exemplo, a “Psicologia e patologia da neurose de angústia”, “Discussão sobre os traumas sexuais e a educação sexual”, “A posição natural da mulher”, “O ideal ascético, de Nietzsche” e “O sadismo na vida e na neurose”. Esses temas evidenciam como Freud e seus contemporâneos buscavam articular os conceitos psicanalíticos com questões centrais da modernidade, como a ascensão de novos valores relacionados à sexualidade, à posição da mulher na sociedade e às transformações trazidas pela educação e pela ciência. O período coincide com a efervescência cultural e intelectual da Viena *fin-*



de-siècle, um ambiente marcado por debates sobre moralidade, ciência e liberdade individual, que influenciaram diretamente as investigações psicanalíticas.

Já no arquivo Band 02 (1908-1910), os temas demonstram uma ampliação das preocupações teóricas da psicanálise, aproximando-a de questões filosóficas, artísticas e sociais mais amplas. Encontramos discussões como “O mito do nascimento do herói”, “Poesia e neurose”, “Sobre a psicologia do Marxismo”, “Sobre um tipo especial de escolha de objeto masculino”, “Epistemologia e psicanálise”, “Hermafroditismo psíquico”, “Sobre o sentimento do estranho no sonho e na vida” e “Sobre o erotismo”. Esses registros indicam um movimento de Freud e seu círculo em direção à interdisciplinaridade, conectando a psicanálise a áreas como a literatura, a filosofia e a política. Esse período também coincide com o fortalecimento dos ideais socialistas e o avanço do pensamento crítico na Europa, que influenciavam a forma como os psicanalistas compreendiam as relações entre o inconsciente, o sujeito e o coletivo.

Nos arquivos Band 03 (1910-1911) e Band 04 (1912-1918), os debates tornam-se ainda mais amplos e sofisticados, abordando questões que permanecem atuais. No Band 03, encontram-se temas como “Sobre a aplicabilidade da psicanálise às obras de poesia”, “Materiais para a doutrina dos sonhos”, “O corpete no costume dos povos”, “Sobre a suposta intemporalidade do inconsciente”, “Exemplos de problemas dentro e fora da psicanálise” e “Sobre o sentimento de culpa”. Já no Band 04, que cobre os anos da Primeira Guerra Mundial, os registros incluem “Cinismo”, “Sobre o tabu”, “Sexualidade e Ego”, “Transtorno profissional e de trabalho devido à neurose”, “Neurose e celibato”, “Discussão sobre o totem”, “Sobre a psicologia da esquizofrenia” e “Sobre os traumas”. Esses temas refletem tanto as preocupações com a subjetividade e a cultura quanto os efeitos devastadores do conflito bélico, que trouxe novas questões para a clínica, como os traumas de guerra e os transtornos ligados ao trabalho e ao sofrimento humano. Nesse contexto, a psicanálise se consolidava como uma ferramenta indispensável para analisar as complexidades psíquicas do sujeito moderno, profundamente atravessado por questões sociais, culturais e históricas.

O pensamento de Freud, refletido nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, é um movimento constante de desvio, que se afasta das limitações da ciência positivista e abre a psicanálise para uma inter-relação criativa com outras áreas do saber. Ao inserir o inconsciente como um princípio estruturante do sujeito e da cultura, Freud não se limita a uma explicação técnica ou objetivante da psique humana, mas coloca a psicanálise em um campo interdisciplinar, onde a arte, a filosofia, a política e a antropologia se entrelaçam para criar um saber que não se encerra em si, mas se reinventa nas tensões do mundo. Sua psicanálise, ao contrário de uma ciência que busca respostas fechadas e universais, torna-se um espaço de questionamento aberto, onde as questões culturais, sociais e históricas não são apenas observadas, mas também refletidas e problematizadas, criando uma nova maneira de pensar a subjetividade humana. Nesse sentido, a psicanálise de Freud não se limita a uma



prática clínica restrita, mas se torna um ato de saber que se expande para o público, para a sociedade, refletindo as urgências e as contradições do seu tempo e oferecendo uma contribuição profunda para os debates culturais e políticos.

É neste desvio que Freud nos convida a repensar a própria natureza da ciência, não mais como uma construção hermética, mas como uma prática que se move nas intersecções da cultura e da subjetividade. A psicanálise, ao se lançar como um saber imerso na dinâmica das relações humanas, desafia as fronteiras entre as áreas do conhecimento, buscando na arte, na filosofia e nas ciências sociais um terreno fértil para suas reflexões. No movimento de Freud, a psicanálise se apresenta como uma forma de conhecimento aberta à interdisciplinaridade, que reflete a complexidade da experiência humana, não apenas como algo isolado ou individual, mas como um fenômeno social e culturalmente impregnado. Nesse sentido, não apenas amplia os horizontes da psicanálise, mas também a inscreve como um campo de investigação política e filosófica, capaz de refletir sobre a constituição do sujeito e das estruturas de poder que o moldam.

A pesquisa nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena visa resgatar esses movimentos subversivos que Freud e seus contemporâneos fizeram, ao desvincularem a psicanálise de uma visão reducionista e simplista do ser humano. Ao interligar a psicanálise com as questões culturais e sociais da época, Freud não apenas desafiou os paradigmas da ciência tradicional, mas também construiu um saber que se confronta com as questões filosóficas e políticas do seu tempo. Ao revisitar esses registros, buscamos recuperar as sementes de uma psicanálise que se expande além das fronteiras da clínica, engajando-se com as questões sociais, culturais e políticas. Este desvio, longe de ser um afastamento da teoria, é uma forma de aprofundar o entendimento psicanalítico, permitindo-lhe dialogar com outras áreas do saber e com os desafios do mundo contemporâneo. A psicanálise, em seu movimento de desvios e reconfigurações, torna-se, assim, uma prática viva, capaz de se reinventar continuamente em sua relação com o mundo.

Quanto ao trabalho de pesquisas, este vem sendo conduzido de forma presencial no Museu Freud, em Viena, Áustria, diretamente junto ao acervo original. Na primeira etapa, realizada entre julho e outubro de 2023, priorizou-se o levantamento e organização do corpus documental, incluindo a tradução dos títulos das atas, a sistematização dos períodos de publicação conforme as reuniões e a identificação dos conferencistas de cada encontro. Este trabalho inicial foi essencial para estabelecer um panorama das discussões realizadas pela Sociedade Psicanalítica de Viena e para a construção de uma base metodológica sólida que orientou as etapas subsequentes.

Em 2024, foi concluída a segunda etapa da pesquisa, que consistiu na categorização temática e na elaboração de palavras-chave para os documentos das atas. Os dados foram sistematizados em planilhas que indexam os documentos, permitindo um levantamento mais detalhado dos temas abordados. Além disso, os títulos das conferências foram traduzidos do alemão para o português,



reforçando o caráter interdisciplinar e colaborativo da pesquisa e expandindo o acesso a esses registros fundamentais para o estudo da psicanálise.

Atualmente, a pesquisa encontra-se voltada para duas frentes principais. A primeira consiste na continuidade do trabalho realizado pelo grupo de estudos, estruturado para revisitá os conceitos fundantes debatidos pela primeira e segunda geração de psicanalistas, bem como resgatar na história da psicanálise sua atividade política enquanto movimento que coloca à prova sua teoria relacionando-a às questões sociais. Esta estratégia configura-se como uma modalidade de Extensão universitária, através da proposta de um Seminário sobre as Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, em formato remoto, aberto e gratuito aos interessados. Os encontros, que ocorrem mensalmente desde dezembro de 2024, são realizados de forma *online*, em português e alemão, e seguem a dinâmica das reuniões originais da Sociedade Psicanalítica de Viena. Cada encontro é dedicado à leitura e debate das atas em ambas as línguas, seguido pela elaboração de um registro colaborativo, cuja responsabilidade é definida em cada reunião. Há, ainda, planos para compilar os registros em uma futura publicação, ampliando o diálogo entre os textos históricos e os desafios contemporâneos da psicanálise.

A segunda frente desta etapa é a elaboração de uma publicação curatorial das atas, destacando os principais temas de cada encontro e desenvolvendo reflexões teóricas, clínicas e filosóficas sobre as discussões de Freud e dos primeiros psicanalistas. As propostas da curadoria consiste em articular a psicanálise com áreas como filosofia, arte, política e cultura, destacando tensões, contradições, posicionamentos e inovações que marcaram os primórdios do campo. A publicação também pretende sublinhar a atualidade desses debates, reafirmando a psicanálise como uma prática profundamente conectada às questões sociais e políticas, tanto no passado quanto no presente.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO E A ESCRITA DA PESQUISA EM PSICANÁLISE A PARTIR DAS ATAS DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE VIENNA

Optou-se pela ideia de ensaio como forma de registro da pesquisa, porque em primeiro lugar trata-se de uma práxis [a psicanálise] que produz o seu saber a partir de incidências de uma instância muito específica, particular e dinâmica com a cultura: o inconsciente. Nesse sentido, revela-se muito diferente dos muitos objetos de estudos das demais áreas de conhecimento, não sendo possível pensar em um método de investigação fundamentado em uma filosofia positivista, em que sua lógica e ideia defendam um único caminho de verdade. Tampouco trata-se de uma escrita que atenda, tão somente, aos formatos acadêmicos científicos positivistas [ensaia-se aqui uma escrita subversiva...]. Por ser um



trabalho de pesquisa em psicanálise, considera-se que a verdade percorre seus caminhos até um ponto: o gozo⁴ – lugar que retorna incessantemente na tentativa de dar conta de um real⁵ inapreensível.

Afinados a isso, optou-se por um método investigativo sobre as origens da clínica psicanalítica sócio-política em um formato de escrita que pudesse colocar a dimensão inconsciente em análise, a partir dos seus princípios⁶, sem deixar de relacioná-lo com a cultura, o social e a política. O inconsciente está intimamente articulado à noção de repetição e de inacabamento, distinguindo-se da ideia de reprodução fixa ou mesmo de linearidade. Nesse sentido, as articulações realizadas na pesquisa psicanalítica, ensaiam ideias, colocam à prova conceitos, permitem reflexões complexas sobre temas específicos, sem o intuito de esgotar ou compreender em sua totalidade determinada realidade.

As atas da Sociedade Psicanalítica de Viena revelam essa forma de escrita: elas capturam o dinamismo de um diálogo aberto e inacabado, refletindo o caráter fluido e transformador das discussões teóricas e clínicas do grupo. Em vez de oferecer conclusões definitivas ou respostas fechadas, esses textos documentam um processo contínuo de interrogação e exploração. O estilo de escrita, marcado pela ausência de encerramentos definitivos, traduz a própria natureza da psicanálise, uma ciência que está sempre em movimento, atenta às questões interpostas por sua época, o que a coloca em constante revisão de seus próprios conceitos.

Fragmentárias por natureza, as atas se aproximam de um ensaio em andamento, desafiando a ideia de um conhecimento fixo e imutável. A psicanálise, tal como registrada nessas discussões, não é uma construção fechada, mas um campo que se desvia constantemente das respostas prontas, lançando e confrontando ideias em um processo contínuo de negociação. As tensões entre Freud e seus contemporâneos são palpáveis e as ideias surgem não como soluções definitivas, mas como pontos de partida para um pensamento que se expande e se transforma. O registro dessas discussões, portanto, não visa a cristalização do saber, mas sua ampliação, entendendo que sempre restará um insabido, que, paradoxalmente, é o que move o desejo de saber mais .

Esse estilo de escrita reflete a inquietação intelectual da época, capturando a psicanálise como uma prática que se insere no fluxo da cultura e da sociedade, sem jamais se dissociar das tensões sociais, culturais e políticas. Ao deixar questões em aberto, esperando pelo aprofundamento nas reuniões subsequentes, as atas não apenas documentam um movimento intelectual, mas reafirmam a psicanálise como um campo em constante transformação, sempre em diálogo com o mundo ao seu

⁴ Gozo é uma forma de satisfação que ultrapassa o prazer, frequentemente associada ao excesso, ao sofrimento e àquilo que escapa à simbolização. Relaciona-se a experiências intensas que transbordam o controle consciente, muitas vezes marcadas por repetição, limite e transgressão

⁵ O real, na psicanálise, refere-se àquilo que não pode ser simbolizado ou representado, o que escapa à linguagem e à compreensão. É o impossível de ser plenamente dito ou integrado à experiência psíquica, manifestando-se como ruptura, furo ou excesso diante das tentativas de dar sentido ao mundo.

⁶ Freud (1915) inaugura a perspectiva de que o inconsciente é uma instância psíquica e não uma dimensão adjetiva dos processos psíquicos. Segundo ele, essa instância tem princípios distintos da consciência, tais como o princípio do prazer, condensação e deslocamento.



redor. Esse processo contínuo de revisão e análise é, portanto, essencial para a prática psicanalítica, que se distende da rigidez de sistemas fechados e busca, em sua incompletude, uma renovação constante de seus próprios pressupostos.

A psicanálise é uma prática que instaura um procedimento de investigação dos processos inconscientes [os quais são completamente inacessíveis para outras formas de pesquisas], uma práxis com preâmbulos éticos, culturais e clínicos cercada de um conjunto de conhecimentos que se expandem e se interrogam a cada tempo. O que permite à psicanálise uma relação com outras ciências e áreas, mas, também, um certo “distanciamento ético” [uma relação de muitas adjacências e possibilidades de diálogos, porém no seu rigor de colocar sempre o sujeito em questão]. Dessa forma, os conceitos psicanalíticos são usados como instrumentos de investigação e análise de variados fenômenos sociais e subjetivos, mas também como reflexões epistemológicas e filosóficas, no campo das artes e dos estudos culturais... Estas relações trazem atualizações importantíssimas não só para a teoria da psicanálise, mas, principalmente, para a sua práxis com os sujeitos, com a cultura, com a política e com o social [relação que aqui estamos a sublinhar].

Assim sendo, as reflexões apresentadas no decorrer deste ensaio vêm por modos provocativos – não fechados em si mesmos, dedutivos ou indutivos. São tratativas reflexivas para instigar os leitores a tirarem suas próprias conclusões a partir das argumentações, análises e reflexões que propomos ao longo do texto, posto que um ensaio requer [sujeitos-ensaístas-leitores], cúmplices de suas subjetividades; capazes de avaliarem que uma possível compreensão da realidade aqui apresentada também ocorre de outras formas, de modos outros [uma relação constante de ensaios e erros, tropeços, possibilidades, ...]. Com isso, investe-se na possibilidade de contribuir com o avanço da teoria psicanalítica na medida em que sua abertura possibilita interpretação, aprimoramento e reflexão: tanto em sua estrutura histórica e teórica ao longo do tempo quanto em seu contexto atual nas relações políticas e sociais.

Apresenta-se isso, pois, intencionalmente, a pesquisa em psicanálise aproxima-se da pesquisa em artes, na medida em que é um fazer que se ajusta no próprio ato de feitura, sem ao certo saber quando e como vai finalizar – é uma opção por um ato investigativo que caminha no tempo (da psicanálise, sua história e seus dilemas), num movimento em favor do seu próprio objeto, e das subjetividades envolvidas [as implicações políticas e sociais dos pesquisadores]. Em vista disso, o objetivo da pesquisa está em associar a composição teórica sobre a práxis da psicanálise da primeira e segunda geração de psicanalistas com os acontecimentos sociais e políticos daquele momento. Para que, a partir deste cenário histórico, político, social e teórico sobre as origens da psicanálise, seja possível considerar na atualidade: a que modos é possível a inserção da psicanálise nas políticas públicas; como os diversos grupos de psicanálise e instituições estão inserindo suas práticas clínicas e transmissão nos diversos contextos críticos-sociais; como colocar em diálogo a psicanálise com outras



áreas de conhecimento e como a psicanálise pode se relacionar com os dilemas e questões políticas e sociais do tempo atual [o compromisso aqui é com a transmissão de uma psicanálise implicada, com a política social e com a (contra)cultura].

[o que te incomoda como psicanalista?...]

[o que te desloca para a escuta?...]

[o que te rearranja no laço social?...]

[...]

A partir da obra “Caminhos da terapia psicanalítica” (1919/2010b), Freud reflete sobre os passos seguintes da psicanálise, e de que modos seria possível pensá-la como uma práxis em extensão conforme o seu tempo – no sentido de chegar a todos que precisem. Ele enfatiza, com isso, a necessidade de contribuir com a psicanálise [em transferência] sobre o entendimento dos impulsos inconscientes reprimidos e resistentes na cultura, composta dos conflitos e da impossibilidade de viver a vida condicionada aos diversos fatores sociais, políticos e econômicos.

Somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. ... Além disso, as condições de nossa existência nos limitam às camadas superiores de nossa sociedade, que escolhem à vontade seus próprios médicos, e nessa escolha são afastadas da psicanálise por todo gênero de preconceitos. Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente. (FREUD, 1919/2010b, p. 291)

Freud (1919/2010b) elabora com isso um desvio importante: o que era um tratamento acessível somente a uma classe social, torna-o uma possibilidade de acesso para amplas camadas populares. É um ato sociopolítico e subversivo que coloca a clínica psicanalítica sensível, acessível e disponível ao contexto social, para além das paredes de um consultório, numa relação direta com a cultura. Freud postulava, já naquela ocasião, a psicanálise como um caminho possível na saúde pública e, portanto, como um direito social e individual dos sujeitos que compõem a polis. Considera, a partir desta elaboração, uma psicanálise disposta a sair dos consultórios para encontrar lugares de escuta nos diversos espaços públicos e dispositivos clínico-políticos.

Implicados por isso, indagamos: assim como Freud nas origens da psicanálise, como implicar-se ao desvio [ao subversivo], tendo-o como um ato de criação, revisão, pesquisa e elaboração de conhecimento em psicanálise? Este desvio diz da possibilidade de apostarmos na inventividade da práxis da psicanálise [em transferência], lançando-se a novos campos de escuta, uma vez que isso conduziria a ampliação do fazer psicanalítico e, por sua vez, de sua teorização e transmissão a partir de novos territórios e possibilidades de escuta.

(...) a psicanálise tem por missão a construção de uma clínica dos processos de subalternização, dirigida a sujeitos subalternizados e minorizados. Para isso, ela deve incluir em seu escopo de análise as marcas das hierarquias e da desigualdade social. Jamais devemos nos contentar com



uma psicanálise adaptada a populações vulneráveis, embora devamos nos adaptar a cada contexto clínico em que estejamos inseridos. A proposta é exatamente a inversa. Todas as modalidades de cura analítica precisam incluir as marcas sociais em seu fazer (CANAVÉZ, F.; VERZTMAN, 2021, p. 10)

Recusamos a tese de que a psicanálise deva ser alheia às questões sociais, aos impactos da política e da cultura, uma vez que estão diretamente envolvidos com os recalcamentos, silenciamentos e possibilidades inventivas dos sujeitos. O tema da política e do social aparecem na teoria Freudiana como possibilidade de pensar os modos de funcionamento do aparelho psíquico, como também na ideia de pensar o recalque e o silenciamento das subjetividades como consequência de um modelo político e cultural. Afinal, o sujeito é engendrado pelos impasses que a cultura tece, é organizado socialmente e economicamente por uma sistematização de classes e vulnerabilizado por uma posição marginal em relação à ideologia dominante.

As questões observadas por Freud (1919/2010b) em seus últimos textos, e que se refletem nas discussões das Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, continuam a se manifestar de maneira exacerbada até os dias de hoje. O alcance político, social e ideológico que Freud imprimiu em sua teoria, e que também permeia essas discussões, não pode ser apagado dos processos de transmissão da psicanálise contemporânea, tampouco das pesquisas e estudos que abordam sua práxis. Em compromisso a isso, defendemos a tese de que a psicanálise, desde suas origens, não está pactuada num único modelo de clínica, mas na observância de cada vez mais atualizar esta escuta [em transferência] com todas as modalidades de sofrimento do seu tempo – advindas de configurações e posições que as pessoas se encontram no laço social [considera-se aqui, sobretudo, as posições socialmente oprimidas].

[Seria uma implicação para a psicanálise?...]

[No laço social, o sujeito é mais constituído ou destituído?...]

[A escuta possibilita o (re)lançar do sujeito na sua história?...]

[...]

A escolha de investigar as Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena se apresenta como uma possibilidade de explorar os movimentos teóricos e as hesitações que Freud introduziu ao entrelaçar a psicanálise com os contextos sociais e políticos de sua época. Não se trata apenas de revisar teorias, mas de considerar como Freud sugeriu a construção de uma práxis psicanalítica que se desvia da lógica purista de uma ciência positivista, que busca estabelecer paradigmas fixos e definitivos. Ao contrário, esses desvios apontam para uma psicanálise que se relaciona de forma dinâmica e fluida com outras áreas do saber — arte, filosofia, política — ampliando seu alcance e permitindo que se reinvente à medida que se interage com as questões de seu tempo.

Nesse cenário, o ensaio emerge como uma possibilidade de abordagem que propõe um espaço de reflexão onde teoria e prática se encontram, sem a necessidade de se subsumirem a uma busca por



verdades imutáveis. No campo do ensaio, a verdade não seria um ponto final, mas uma travessia inacabada, um pensamento em movimento. Segundo Adorno (1986), seria uma verdade que se transforma e se renova, sem se deixar aprisionar em formas rígidas e definitivas. Esse movimento do ensaio, então, se oferece como um ato performático, um desvio que não afirma respostas prontas, mas que se coloca como uma interrogação constante e criativa, em sintonia com as inquietações e desafios sociais, culturais e filosóficos do momento.

Nesse movimento ensaístico, também Freud se permitiu criar e desviar-se de hipóteses. A exemplo disso, é possível citar alguns dos movimentos teóricos que ocorrem nas atas, sobretudo quando há discussões e tratativas de estruturação investigativa da psicanálise [desvios] em relação a seus conceitos. Algumas delas foram posteriormente abandonadas por Freud. Como aponta Zacharewicz e Formigoni (2011, p. 247), "nas reuniões realizadas em 15 e 22 de abril de 1908, os participantes, ao discutirem o caso Anna" — um estudo clínico apresentado por Freud, centrado em uma paciente atendida por ele e que gerou intenso debate entre os membros da sociedade, manifestaram a intenção de elaborar um "questionário para investigação da pulsão sexual". Esse esforço evidencia o destaque atribuído ao componente biológico no pensamento da época. Contudo, como é sabido, Freud, com o passar do tempo, foi gradualmente relegando o papel desse aspecto biológico em sua teoria, deslocando o foco para uma perspectiva mais complexa da formação psíquica.

A escolha do ensaio como registro desta pesquisa também é um ato de desviar, além de uma posição em relação às verdades que nos implicamos. Estamos aqui propondo um diálogo com elas... [consideramos que a verdade é singular, um paradigma em suspenso à sua própria condição teórica, retórica e, sobretudo, social e política]. Não é possível se despir totalmente de algo quando se está escrevendo [as verdades], posto que os dilemas e questionamentos sempre ali estarão [não estamos defendendo uma retórica que ignora as verdades. Esbarraríamos numa circunstância chamada de pós-verdades. Considera-se, aqui, os saberes como operadores subjetivos frente aos dilemas. Nesse sentido, aproximamos biografia, teoria, investigação e implicação com um ato de pesquisar em psicanálise... [talvez um modo possível de descolonizar o conhecimento em psicanálise?].

Uma outra possibilidade de leitura a respeito do desvio freudiano está no modo como ele próprio faz de seus estudos clínicos e teóricos um exercício político e social. Ao pensar o futuro da psicanálise, Freud (1919/2010a) operou um ato importante na relação discursiva entre o lugar do saber e da verdade. Refletiu sobre como a psicanálise pode operar na incidência de mecanismos de subjetivação atuantes na sociedade moderna, suas implicações para a configuração do estatuto que o saber assume na contemporaneidade e o modo como este saber pode operar de forma impactante na realidade social.

Então haverá para nós a tarefa de adaptar nossa técnica às novas condições. Não tenho dúvida de que o acerto de nossas hipóteses psicológicas impressionará também os incultos, mas



teremos de buscar a mais simples e palpável expressão para nossas teorias. Veremos, provavelmente, que os pobres se acham ainda menos dispostos a renunciar a suas neuroses do que os ricos, porque a difícil vida que os espera não os atrai, e a doença significa, para eles, mais um título à assistência social (FREUD, 1919/2010a, p. 289)\

Com base no pensamento freudiano, o ensaio foi escolhido como uma forma performática de registro na pesquisa, por representar um desvio subversivo em relação à formação que nos condiciona a pensar, escrever e ouvir por meio de métodos prontos e automatizados. Diferente das abordagens tradicionais, como a análise de conceitos de autores consagrados ou a articulação dialética entre teorias, o ensaio propõe um modo de pensamento que transcende a rigidez da ciência positivista. Ele nos convida a explorar múltiplas camadas de complexidade, funcionando como um antídoto contra a linearidade simplificadora da ratio dominante (Adorno, 1986, p. 179).

Apostamos, com isso, numa forma de registro em que em possamos provocar outros modos de pensar, ao invés de intimidar –, posto que na provação o sujeito confronta-se com aquilo que ainda ecoa, e que pode ser vivenciado, elaborado, refletido e discutido de alguma maneira; na intimidação não há cumplicidade com o sujeito, apenas com o objeto em questão. O que pode colocar em cena uma obscenidade perversa. Explicamos: há, ainda, um apelo muito forte à neutralidade política no campo da psicanálise. Observa-se por parte de muitos na psicanálise um certo discurso “travestido de vanguardista” – críticos dos registros históricos de produção de verdade, o quais deixam de lado o inacabado da psicanálise. Usam de certos conceitos, como o de clínica social, como se fossem ontologicamente neutros – autossuficientes, como se a fonte neoliberal e capitalista não existisse e não estivesse produzindo políticas de morte sobre o sujeito, sobre o corpo, sobre a subjetividade, sobre o inconsciente, sobre a transferência, sobre a psicanálise e sobre a clínica.

O formato de escrita das atas da Sociedade Psicanalítica de Viena revela de maneira intrínseca o caráter político e social da psicanálise. Ao adotar um estilo fragmentado, aberto e em constante movimento, as atas não buscam apenas capturar um debate teórico, mas expõem a psicanálise como um campo imerso nas tensões e contradições sociais. Essa escrita, que não se satisfaz com conclusões definitivas ou respostas conclusivas, mas com o inacabamento, aponta para uma psicanálise que se engaja com o mundo, que se coloca em diálogo com os conflitos e dilemas do seu tempo.

Desta maneira, as atas nos mostram que a psicanálise não é um saber neutro, mas uma prática profundamente entrelaçada com as questões políticas, culturais e históricas. Nesse sentido, a psicanálise se torna um ato político em si mesma, recusando a neutralidade e posicionando-se, sempre, contra as estruturas de poder que buscam reduzir a complexidade do sujeito à lógica da objetividade e da certeza. O movimento de interrogação constante e de desvio da busca por uma verdade fechada revela que, no coração da psicanálise, reside uma aposta subversiva contra qualquer forma de saber que se declare absoluto ou isento de contextos.



As atas da Sociedade Psicanalítica de Viena demonstram que não há neutralidade na psicanálise. Ao se posicionar entre as fronteiras da cultura, da arte, da política e da filosofia, a psicanálise não se configura como um campo isento de influências, mas sim como uma prática imersa nas tensões e contradições do seu tempo. As discussões registradas nas atas mostram que, enquanto a psicanálise se apresenta como uma práxis capaz de questionar estruturas de poder e dominação, ela também pode se distanciar da realidade social e política, quando se limita à busca por explicações fechadas ou dogmáticas, sem se conectar diretamente às questões urgentes da sociedade. Nem toda clínica psicanalítica, portanto, é social; a psicanálise se reinventa e se atualiza quando se confronta com os dilemas sociais e as demandas históricas, mas pode também se isolar em um campo de saber que, ao se distanciar do contexto social, perde parte de sua capacidade de provocar mudanças significativas.

5 NÃO PARA CONCLUIR, MAS PARA PENSAR EM COMO SEGUIR:

Desde suas origens, a psicanálise vem sendo desafiada [desafiada... desviada... em desvio] pelo tempo, pela história, pela memória e pelos fatores sociais e políticos nos quais se implica. Seus objetivos vêm se ampliando na possibilidade de reinaugurar a práxis em novos campos de escuta, deslocando-se do consultório tradicional para outros territórios. Na conferência de 1910, “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”, Freud propõe três direções para o desenvolvimento da psicanálise: avanços teóricos e técnicos, aumento do reconhecimento institucional e maior eficiência na oferta de seu trabalho. O sujeito freudiano, portanto, está marcado por seu tempo e sua cultura.

Este estudo parte de quatro pontos, que não se encerram, mas abrem caminhos metodológicos e reflexivos para uma clínica psicanalítica sociopolítica. Primeiro, com base nos debates entre as gerações da Sociedade Psicanalítica de Viena, admite-se a incompletude da práxis frente à história, onde caminhar entre escombros pode ser fértil ou dogmaticamente estagnante. Freud já afirmava: “Estamos prontos, tanto antes como agora, a admitir a incompletude do nosso conhecimento, a aprender coisas novas e a mudar em nosso procedimento aquilo que pode ser substituído por algo melhor” (FREUD, 1919/2010b, p. 191).

Segundo, propomos uma escuta sensível aos efeitos sociais encarnados nos laços urbanos, pois há “algo da história coletiva que atravessa o indivíduo, e algo da vida pessoal que constitui o indivíduo como sujeito social” (OLIVEIRA, 2017).

Terceiro, propomos sustentar uma escuta clínica que favoreça o movimento subjetivo e a possibilidade de criação de estratégias de vida. Trata-se de uma práxis que reconhece as margens não apenas como espaços de exclusão, mas como territórios potentes de invenção.

Quarto, destacamos a abertura a novos pontos que ainda emergirão no caminhar desta pesquisa.



FINANCIAMENTO

FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina e CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (1986). O ensaio como forma. In G. Cohn (Org.), *Sociologia: Adorno* (pp. 167–187). São Paulo: Editora Ática.
- Betts, J. (2013/2014). Desamparo e vulnerabilidades no laço social: A função do psicanalista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (45–46), julho 2013/junho 2014.
- Broide, J., & Broide, E. E. (2016). *A psicanálise em situações sociais críticas*. São Paulo: Editora Escuta.
- Canavêz, F., & Verzettman, J. S. (2021). Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? *Revista de Psicologia*, 8.
- Freud, S. (1910/1970). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, p. 125). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2010). O inconsciente. In P. C. de Souza (Trad.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911–1915)* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919/2010b). Caminhos da terapia psicanalítica. In *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920)* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925–1926)* (Cap. II). Rio de Janeiro: Imago. (Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 20).
- Freud, S. (1927/2010). *O futuro de uma ilusão* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930/2010a). *O mal-estar na civilização* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, C. L. M. V. (2017). Sob o discurso da “neutralidade”: As posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 24(supl.), 79–90.
- Zacharewicz, F., & Formigoni, M. (2016). Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906–1908. *Stylus*, (32), 245–248.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000100024&lng=pt&tlng=pt

